

# Quatro-cantos: o lugar de si, o não-lugar do outro\*

## Resumo

Este artigo lida com o lugar da diferença em contextos urbanos de diferentes cidades, segundo pesquisas realizadas na Inglaterra e no Brasil, no final dos anos 50. À luz da configuração *estabelecidos-outsiders*, formulada por Elias e Scotson, identificamos elementos que nos ajudam a fazer a crítica do que poderíamos chamar, usando um conceito de Michel Foucault, de *micropolítica* dos processos de exclusão e inclusão social. Em ambos os trabalhos, notam-se embates nos modos de exercício de poder e de resistência dos grupos sociais analisados, parte deles percebendo / produzindo a si mesmo como o “dono do lugar” e percebendo / produzindo outro grupo como “fora de lugar / invasor”.

## Abstract

*This article deals with the place of difference within urban contexts of different cities, according to researches conducted in England, and in Brazil, by the end of the fifties, in the light of the*

*configuration established-outsiders, as proposed by Elias and Scotson, and we have identified elements that help us to make the criticism of what we could call – using a concept by Michel Foucault – the micropolitics of inclusion and exclusion processes. In both works, we note struggles in the ways of exercising power and of resistance of the analyzed social groups, part of them perceiving/producing itself as the “owner of the place” and perceiving/producing the other as “displaced / invader”.*

*Key Words: Community, established, outsiders, exclusion, charisma, stigma, cohesion, anomia.*

Palavras-chave: comunidade, estabelecidos, *outsiders*, exclusão, carisma, estigma, coesão, anomia.

Desafasta, ordenou o polícia. Aqui tem gente.

Graciliano Ramos, *Vidas Secas*

Na fala comum, a expressão *quatro cantos* aparece para figurar algo que se estende por toda parte, sem deixar nada ou ninguém de fora: “rodei os quatro cantos e não achei o endereço”; “o boato espalhou-se pelos quatro cantos da cidade”; “nos quatro cantos do mundo houve manifestações pela paz”. Entretanto, ela

Alexandre Guedes Pereira Xavier<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Mestre em Educação: História, Política e Sociedade pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental pela Escola Nacional de Administração Pública.

\* O presente trabalho foi apresentado ao longo dos estudos pós-graduados, na disciplina A Escola como Objeto de Estudo: Perspectivas Sociológicas, ministrada pela Professora-Doutora Alda Junqueira Marin (PUC-SP).

Material recebido e selecionado em outubro de 2005.

aparece também, como palavra composta, para designar uma brincadeira de crianças:

*“quatro-cantos. S.m. 2n. Bras. Brinquedo infantil em que os jogadores, colocados nos quatro cantos de um quadrado, procuram trocar de lugar entre si, enquanto um quinto jogador tenta ocupar uma das posições vagas.”<sup>2</sup>*

Vamos apresentar aqui uma leitura de trabalhos sociológicos que nos ajudam a analisar a dinâmica social figurada no “brincar de quatro-cantos”: aquela em que, no intercurso de estrutura e processo, se define e configura o lugar de si e o não-lugar do outro.

<sup>2</sup> FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. 1986. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Os trabalhos analisados são “A escola secundária numa sociedade em mudança: interpretação socioantropológica de uma experiência administrativa”, do sociólogo brasileiro João Baptista Borges Pereira, e “Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade”, do sociólogo alemão Norbert Elias, em parceria com o professor inglês John L. Scotson.

Os respectivos autores, na época em que realizaram suas pesquisas, estavam em “cantos” bem diferentes do mundo, conduzindo investigações distintas sob muitos aspectos. Mesmo assim, do exame de seus achados, ressaltam elementos e conceitos que os aproximam quanto à elaboração do conhecimento sociológico das relações sociais e de poder, e que, além disso, revelam-se de interesse para o debate acerca do preconceito, da discriminação e da exclusão.

Para atender a esse chamado de leitura e reflexão, vamos, de início, apresentar alguns traços compartilhados pelas pesquisas; em seguida, vamos explorá-las em sua singularidade, destacando elementos que, ao final, serão reexaminados articuladamente.

## I

Os autores dos trabalhos em tela eram sociólogos que exerciam atividades ligadas à educação no local onde foram realizadas

suas pesquisas de campo. No Brasil, Pereira era diretor de um ginásio recém-instalado no prédio de um grupo escolar em Vila Flávia; na Inglaterra, Scotson era professor de uma escola em Winston Parva, enquanto Elias trabalhava para um programa de educação de adultos na região.

As duas pesquisas, de natureza socioantropológica, foram realizadas entre o final dos anos 50 e o início dos anos 60, em comunidades urbanas periféricas, respectivamente de São Paulo, Brasil – o bairro predominantemente operário de Vila Flávia – e de Leicester, Inglaterra – as povoações de classe trabalhadora de Winston Parva.

Nessas comunidades, na passagem dos anos 50 para os anos 60, tanto Pereira quanto Elias e Scotson encontraram forte e desmesurada preocupação com a delinquência – estimulada, nos termos dos dois relatos, por mexericos e pela imprensa sensacionalista –, e a associaram, em sua análise, à configuração das relações sociais e à estigmatização.

Pereira aponta que “nas atitudes do aluno de Vila Flávia perante o estranho, além de ingredientes tirados da condição de indivíduo privilegiado pela educação secundária, encontram-se idéias correntes no próprio bairro, onde a preocupação (exagerada) por ações criminosas é quase tema dominante.” (PEREIRA idem : 85) Por conta da ação dos tablóides, relata ainda, “durante longo tempo, o nome de Vila Flávia foi quase sinônimo de criminalidade”. (idem : 86).

Elias e Scotson, por seu turno, lembram que “a pesquisa começou, como muitas outras, porque moradores do lugar nos chamaram a atenção para o fato de que um desses bairros tinha um índice de delinquência mais elevado que o dos outros.” (ELIAS e SCOTSON 2000 : 15) Na busca de explicações, entretanto, o interesse dos pesquisadores “deslocou-se dos diferenciais de delinquência para as diferenças de caráter desses bairros e para as relações entre eles”, e constatou que apesar do fato de que no decorrer da pesquisa os diferenciais de delinquência entre as duas áreas (que haviam motivado a idéia de que uma delas era *zona de delinquência*) praticamente desapareceram, “o que não desapareceu foi a imagem que os bairros mais antigos tinham do mais recente, com seu índice de delinquência antes elevado. Os bairros mais antigos continuaram a estigmatizá-lo como uma área em que a delinquência grassava”. (idem : 15)

<sup>3</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Museu Nacional, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ.

*Além dessa semelhança entre os quadros gerais com que se depararam, os sociólogos compartilham também a semelhança entre seus procedimentos de pesquisa. Pereira registra que “na coleta de dados foi adotada principalmente a observação participante; como técnicas auxiliares foram usados questionários, entrevistas formais e informais, histórias de vida, levantamento da vida escolar de alunos e análise de todo o arcabouço racional-legal do estabelecimento” (PEREIRA 1969 : 20). Já quanto ao trabalho de Elias e Scotson, aponta Federico Neiburg<sup>3</sup>, na apresentação a sua edição brasileira, que se trata de “uma monografia em que se combinam dados oriundos de fontes diferentes: estatísticas oficiais, relatórios governamentais, documentos jurídicos e jornalísticos, entrevistas e, principalmente, observação participante” (ELIAS 2000 : 9).”*

Por fim, a vinda a público dos dois textos deu-se em meados da década de 60, alguns anos após a realização das investigações: o trabalho de Elias e John L. Scotson, em 1965; o de Pereira, em 1966.

## II

O trabalho de Pereira focaliza um ginásio de periferia instalado havia pouco tempo no prédio de

um grupo escolar, no bairro operário de Vila Flávia, São Paulo. Segundo o relato, a instituição “não funcionava a contento”, em razão de “empecilhos” à vida da escola, “tumultuada e irregular” (PEREIRA 1969 : 15). A situação fizera com que o ginásio se tornasse alvo de pressões tanto de órgãos federais quanto da Sociedade Amigos do Bairro. O problema verificava-se no quadro de democratização do ensino ginasial, em que, além da falta ou mau aproveitamento de recursos humanos e materiais e da interferência de agentes externos (como os políticos), se destacava a exclusão dos bairros periféricos e pobres da “distribuição geográfica da educação secundária”. (idem : 18).

A Associação, a pretexto de colaborar para a solução da crise no estabelecimento, visava, de fato, “levar para a comunidade um conjunto de melhoramentos a fim de dar à paisagem mal definida da Vila uma fisionomia citadina” que expressasse “seu índice de progresso em relação às demais comunidades vizinhas”. Assim, o bairrismo que reunira os moradores da Vila em favor da criação e instalação do ginásio, levava-os agora a reivindicar para ele um “prédio próprio, se possível suntuoso” (idem : 45-46).

Já o engajamento dos professores primários vinculava-se a interesses do Grupo Escolar, que “sentindo-se lesado pela presença do ginásio em seus domínios (...), lutava pela construção de um

prédio novo, onde hóspede tão incômodo pudesse ser alojado, desocupando assim suas dependências”. O autor assinala que diretor, professores e funcionários do Grupo pensavam e agiam “como se fossem donos da escola, donos do prédio e de tudo aquilo que ele abriga” e que, nesse quadro, as “relações entre escola primária e secundária” eram “caracterizadas por permanente estado de tensão” (idem 79-80). A crise deixava todos apreensivos; o diretor, por exemplo, manifestava exagerada preocupação com o “perigo de depredação das instalações materiais do prédio, como decorrência da falta de funcionamento do mecanismo de controle dos alunos do ginásio”. Mas mesmo o exagero tinha suas funções: prover “racionalizações para que a diretoria do grupo justificasse a limitação do espaço físico imposto ao ginásio e fornecer as bases para desenvolver campanha eficiente a fim de se livrar do ginásio” (idem : 47).

Essa campanha contra o “intruso” – cujos professores, funcionários e alunos eram vistos como “presenças indesejáveis” – abrangia o levantamento de barreiras como escassez do equipamento material, limitação do espaço físico e disseminação de boatos e mexericos depreciativos (idem : 79-8). Curiosamente, um dos alvos do repúdio dos professores do Grupo – os professores do Ginásio – não se via em condição superior: os ginásios do Estado eram preferidos pelo pessoal docente, mas em especial os estabelecimentos bem localizados, que propiciassem melhores condições de trabalho e mais aulas – e, portanto, maior rendimento. O

de Vila Flávia situava-se na extrema periferia, funcionava muito mal e oferecia poucas aulas.

O relato aponta que o grupo discente de Vila Flávia podia “ser considerado representativo de populações citadinas resultantes de movimentos migratórios do campo para a cidade, e que passam por processo de ajustamento ao mundo sociocultural urbano” (idem : 76). Esse grupo via-se espremido entre as expectativas familiares e pessoais – de que o seu estudo era um investimento econômico que daria retorno à família no longo prazo, ou, no plano mais imediato, um fator de *status* mais elevado na comunidade e de acesso a empregos mais valorizados – e a dura realidade das condições de ensino já mencionadas. Além desse traço mais geral, outros mais específicos são apontados, como os resquícios da tradição patriarcal que faziam com que os homens representassem a mulher e fossem os porta-vozes de todo o grupo, em um “protecionismo” que se revelava “por inteiro, quando o grupo [era] exposto a contatos com ‘gente de fora’”. (idem : 74-75)

Pereira assinala que o contato entre o Grupo e o Ginásio era apenas espacial e não temporal, o que ajudava a evitar situações mais tensas. No entanto, aponta a existência de um mecanismo que os situava “num mesmo universo

de convivência”: os boatos e mexericos, que ora prenunciavam momentos de tensão, ora surgiam como produtos dos momentos de crise. O pesquisador aponta quatro aspectos de sua funcionalidade: como “técnicas de comunicação e de ação conscientemente adotadas”; como “componentes do modelo de conduta”; como “peças ideológicas do (...) processo de acomodação [para] preservação do *status* grupal ameaçado de rebaixamento” e como reforço “da coesão grupal”. Dessa forma, como assinala o autor, “aos poucos, em oposição ao outro grupo, vai-se formando a imagem valorizada do próprio grupo, e que seus componentes lutam para defender e preservar” (idem : 81-82).

Um outro aspecto digno de nota refere-se ao comportamento do grupo ginásial perante o grupo da educação de adultos, com o qual compartilhava, no período noturno, a exigüidade de espaço e recursos materiais que lhes eram destinados na escola. A atitude dos ginásianos era de “evitação sistemática”, o que suprimia possibilidades de contato mais estreito. Segundo o pesquisador, “na raiz desta evitação, e do conseqüente isolamento do grupo de adultos, está uma série de estereótipos negativos ligados à origem regional dos estudantes do curso de alfabetização (...), pejorativamente chamados de ‘baianos’”. Este rótulo serviria para nomear “conceptualizações do grupo, que giram em torno de gente perigosa, briguenta, assassina, portadora de baixo *status* social etc.” (idem : 83). Pereira assinala que a própria Vila estava impregnada dessas opiniões que

geram estereótipos acerca do nordestino, e que alunos e funcionários apenas transportariam para a dinâmica escolar “certas idéias correntes na própria comunidade” (idem : 84).

O sociólogo assinala que, na base dessa atitude, além do “temor de pessoas que ferem seus modelos de pensar e de agir”, estava presente uma auto-imagem de ‘elite’ social pela qual o aluno de Vila Flávia percebia a si mesmo, por sua condição de estudante secundarista, um desdobramento da “valorização de *status* sentida pelo grupo familiar”:

“O estudo enobrece-o e, destarte, distancia-o qualitativamente dos demais. Esta auto-imagem, hipervalorizada – estimulada pela própria dinâmica competitiva que se fere no contexto escolar – manifesta-se também quando ele passa a julgar o elemento da Vila, não-estudante. Na escola, os discriminados são os ‘baianos’; na Vila, são, em especial, os ‘maconheiros’ (...), gente que precisa ser evitada e até combatida, e da qual as colegas precisam ser protegidas (...)” (idem : 84)

### III

O trabalho de Elias e Scotson focaliza uma pequena comunidade de periferia urbana, Winston Parva, que “tinha por núcleo um bairro relativamente antigo e, ao redor dele duas povoações for-

madras em época mais recente". A descrição mostra haver

*"uma clara divisão, em seu interior, entre um grupo estabelecido desde longa data e um grupo mais novo de residentes, cujos moradores eram tratados pelo primeiro como outsiders. O grupo estabelecido cercava fileiras contra eles e os estigmatizava, de maneira geral, como pessoas de menor valor humano. Considerava-se que lhes faltava a virtude humana superior – o carisma grupal distintivo – que o grupo dominante atribuía a si mesmo."* (ELIAS e SCOTSON 2000 : 19)

Na comunidade, os pesquisadores identificaram três áreas definidas quanto a sua população: a Zona 1, central, era uma área residencial de classe média onde viviam as famílias mais antigas. As Zonas 2 e 3 eram, respectivamente, uma "povoação de classe trabalhadora, estabelecida desde longa data", e "uma nova povoação de trabalhadores em sua vizinhança" (idem: 19-20), muitos dos quais tinham vindo do norte da Inglaterra, atraídos "pela melhor oferta de empregos na região" (idem : 62). O relato dá conta de que, ao contrário do que se poderia supor, não havia tensão entre a povoação de classe média e as povoações de trabalhadores, mas entre os moradores das Zonas 1 e 2, de um lado, e os da Zona 3, de outro. Os primeiros, segundo o relato,

*"consideravam-se humanamente superiores aos residentes da parte vizinha da comunidade, de formação mais recente. Recusavam-se a manter qualquer contato com eles, exceto o exigido por suas atividades profissionais; juntavam-nos todos num mesmo saco, como pessoas de uma espécie inferior (...), como pessoas que não se inseriam no grupo, como 'os de fora'"* (idem : 20)

Os autores depararam-se, em sua investigação, com o que lhes pareceu ser uma constante universal das figurações *estabelecidos-outsiders*:

*"o grupo estabelecido atribuía a seus membros características humanas superiores; excluía todos os membros do outro grupo do contato social não profissional com seus membros; e o tabu em torno desses contatos era mantido através de meios de controle social como a fofoca elogiosa [praise gossip], no caso dos que o observavam, e a ameaça de fofocas depreciativas [blame gossip] contra os suspeitos de transgressão"* (idem : 21)

Elias e Scotson constataram não haver, entre os residentes das Zonas 2 e 3, diferenças evidentes quanto a padrões habitacionais, nacionalidade, ascendência étnica, cor ou raça, e tampouco quanto a tipo de ocupação, renda e

nível educacional. Ambas eram áreas de trabalhadores, e os operários recém-chegados da Zona 3 diferiam dos da Zona 2 principalmente quanto a costumes, tradições e estilo de vida. Entretanto, a *antiguidade da associação* que aproximava as Zonas 1 (de classe média) e 2 (operária) criava entre elas um elevado grau de coesão social e de identificação coletiva, além de normas comuns que induziam à "euforia gratificante que acompanha a consciência de pertencer a um grupo de valor superior, com o desprezo complementar por outros grupos" (idem : 21).

Os autores perceberam algo que muitas vezes se dissimula aos olhos de um observador que se detém nas características marcantes das populações, como cor ou classe social: os diferenciais de poder entre grupos inter-relacionados. Segundo o relato, esses diferenciais, vinculados a um grau de coesão mais elevado, geram excedentes de poder que ajudam a configurar um grupo como estabelecido, à custa da exclusão de outro grupo. Essa abordagem lança luz também sobre o que os autores chamam de "sociodinâmica da estigmatização": "as condições em que um grupo consegue lançar um estigma sobre outro". Elias e Scotson refutam a tendência então corrente de considerar que o despreço acentuado por outras pessoas se desenha como preconceito, no plano individual. Suas pesquisas mostraram membros de um grupo estigmatizando os de outro não pelas qualidades individuais, mas por serem parte de um grupo "coletivamente considerado diferente e inferior

ao próprio grupo” (idem : 23), algo que só poderia ser compreendido caso se investigasse a natureza de sua interdependência e o equilíbrio instável de poder que possibilitara a configuração *estabelecidos-outsiders*, e que implicava mapear as crenças e atitudes comuns “mantidas por várias formas de pressão e controle sociais” (idem : 54).

Um outro aspecto significativo dessa configuração, com base no relato, é a complementaridade entre o *carisma* grupal dos *estabelecidos* – “o sentimento de status de cada um e da inclusão na coletividade” (idem : 25) – e o *estigma* grupal dos *outsiders* – a desonra, as características “ruins” a eles atribuídas. Em Winston Parva, os primeiros, para “preservar o que julgavam ter alto valor (...) cerravam fileiras contra os recém-chegados, com isso protegendo sua identidade grupal e afirmando sua superioridade” (idem).

Esse *carisma* atribuído por um grupo a si mesmo e a seus integrantes advém da superioridade de forças – o diferencial de poder. Participar desse *carisma* grupal funciona como “recompensa pela submissão às normas específicas do grupo”. Do lado de fora, são colocados aqueles que não observam as normas, vistos como “anômicos” e como “indignos de confiança, indisciplinados e desordeiros” (idem : 27-28); além disso, o contato mais próximo com eles é visto como desagradável. Os autores apontam que muito do que um grupo *estabelecido* atribui aos *outsiders* vem da própria condição destes últimos nas relações de força e dominação em que são humilhados e oprimidos, inclu-

indo fatores como pobreza e “constante exposição aos caprichos das decisões e ordens dos superiores” (idem).

Elias e Scotson revelam também que as tensões e conflitos entre *estabelecidos* e *outsiders* são, no fundo, “lutas para modificar o equilíbrio de poder”: os primeiros tentam preservar ou aumentar seus diferenciais de poder; os segundos agem tácita ou abertamente para diminuir esses diferenciais que os colocam em situação inferior (idem : 37). Os pesquisadores, além disso, apontam a relevância de trabalhar essas equações com vistas a uma avaliação crítica e a uma mudança. Para os pesquisadores, uma dessas equações foi saber “por que uma zona tinha o poder de reivindicar um status superior à outra zona, com a qual estava relacionada”. E, para responder a essa questão, mostrou-se necessária a construção de “um modelo da estrutura dessa comunidade como um aspecto de seu desenvolvimento” (idem : 68).

#### IV

Os achados das pesquisas empreendidas por João Baptista Borges Pereira, no Brasil, e por

Norbert Elias e John L. Scotson, na Inglaterra, mostram-se complementares e de interesse para aqueles que tomam a escola como objeto de estudo desde uma perspectiva sociológica, e em especial para aqueles que, nesse estudo, focalizam questões como o preconceito, a discriminação, a exclusão.

Em primeiro lugar, notamos que ambos os relatos dão conta de uma situação de *instabilidade* e *tensão*, no marco de um processo histórico de *expansão* que se cruza com um processo estrutural de *integração*. Em “A Escola Secundária...”, essa instabilidade e tensão verificam-se no quadro de uma “escola (...) rigidamente concebida”, que se vê “pressionada por exigências inéditas que nascem de uma população estudantil com peculiaridades e necessidades bastante específicas” em um processo integrativo gerado pela ampliação da rede secundária. Em “Os estabelecidos...”, a instabilidade e a tensão aparecem no contexto de uma comunidade coesa de antigos residentes – os moradores das Zonas 1 e 2 – que se vê ameaçada por novos residentes os moradores da Zona 3 – com valores e hábitos distintos.

Também ressalta o papel do plano *simbólico* nessas configurações, seja quando atentamos para o pleito dos moradores de Vila Flávia por “melhoramentos” que dessem à Vila uma “fisionomia

citadina” e que expressassem “seu índice de progresso em relação às demais comunidades vizinhas”, incluindo entre essas melhorias um “prédio novo e se possível suntuoso” (PEREIRA 1969 : 45-46) para o ginásio – algo que concorreria, ao mesmo tempo, para constituir o *carisma* de bairro estabelecido e exorcizar o *estigma* de bairro “sinônimo de criminalidade”, além de reforçar o *carisma* do Grupo Escolar em face do Ginásio “intruso” – seja quando atentamos para a observação de Elias e Scotson de que

*“a imagem que os estabelecidos, os poderosos setores dirigentes de uma sociedade têm de si e transmitem aos outros tende a se pautar na ‘minorias dos melhores’, ou seja, tende para a idealização. A imagem dos outsiders, dos grupos relativamente pouco poderosos em comparação com os setores estabelecidos, tende a se modelar na ‘minorias dos piores’, isto é, tende a estar denegrida.”* (ELIAS e SCOTSON 2000 : 56)

Chama-nos a atenção, igualmente, o desafio que as configurações apresentadas lançam a uma análise que se restrinja aos traços mais marcantes dos grupos relacionados.

Em “A Escola Secundária...”, temos professores de um Grupo Escolar *estabelecido* que se confrontam com os professores do Ginásio *outsider*, sendo que estes – mesmo sem contar os boicotes que sofriam com relação a espaço físico e recursos materiais e ação dos boatos e mexericos de que eram vítimas – ali estavam aliados daquilo que poderia ser um *diferencial de poder* a ameaçar a preservação do status grupal do corpo docente do Grupo Escolar, dado que estavam, como já foi assinalado, em escola de periferia, que funcionava mal e tinha poucas aulas.

Além disso, temos também, no grupo discente de Vila Flávia – “representativo de populações citadinas resultantes de movimentos migratórios do campo para a cidade, e que passam por processo de ajustamento ao mundo sociocultural urbano” (PEREIRA 1969 : 76) – os alunos do Ginásio, que cultivavam, com suporte na comunidade, uma autoimagem de elite social – o *carisma* de grupo – e lançavam o *estigma* da anomia – “gente perigosa, briguenta, assassina” – sobre os alunos da educação de adultos, a quem chamavam de “baianos”, sendo que tanto uns quanto outros trabalhavam de dia e, à noite, estudavam na mesma escola, enfrentando as mesmas condições precárias.

Em “Os estabelecidos...”, vemos essa configuração operar entre povoações de classe trabalhadora – Zonas 2 e 3 – que não

guardavam, entre si, conforme assinalado anteriormente, diferenças significativas quanto a padrões habitacionais, nacionalidade, ascendência étnica, cor ou raça, e tampouco quanto a tipo de ocupação, renda e nível educacional. A chamada *antigüidade de associação* entre os habitantes da Zona 1, de classe média, e da Zona 2, operária, assegurava a identificação coletiva e a autoimagem de superioridade que constituíam o *carisma* grupal, ao qual se opunha a anomia dos “indignos de confiança, indisciplinados e desordeiros” – a forma como eram *estigmatizados* os habitantes da Zona 3 (ELIAS e SCOTSON 2000 : 27-28).

Verificamos ainda, nas configurações presentes nos relatos, o papel da fofoca, do boato e do mexerico, não apenas como fator de coesão grupal e de preservação de status, como também de racionalização para a evitação sistemática, funcionando, paradoxalmente, nos dois casos, como um *universo de convivência* dos grupos no marco de sua disjunção.

Por fim, devemos assinalar uma importante chave metodológica que a leitura articulada dos trabalhos nos possibilita, e que, de certa forma, sintetiza as considerações tecidas até aqui.

Elias e Scotson assinalam que, em face de suas questões gerais de pesquisa<sup>4</sup>, fez-se necessário construir “um modelo da estrutura” da

<sup>4</sup> “De que modo os membros de um grupo mantêm entre si a crença de que são não apenas mais poderosos, mas também seres humanos melhores do que os outros? Que meios utilizam eles para impor a crença em sua superioridade humana aos que são menos poderosos?” (ELIAS e SCOTSON 2000: 20).

comunidade como “um aspecto de seu desenvolvimento” (Elias e Scotson : 68) – inclusive para superar a idéia de que “os indivíduos devem ser primeiramente estudados como elementos isolados e de que as configurações que eles compõem entre si derivam do que eles são sem elas” (idem : 57).

Pereira, por sua vez, aponta, em relação ao objeto de seu estudo<sup>5</sup>, que a abordagem adotada por ele fez com que, no exame das falhas administrativas verificadas, fosse abandonado “o individualizado plano em que as preocupações de alunos e autoridades as colocaram e deixam de ser consideradas como sinônimos de ‘falhas pessoais’”, para que, em vez disso, elas passassem a ser interpretadas como “expressão e produto (...) de complexo de fenômenos que envolve toda a escola”, traduzido em “condicionamento de sua configuração estrutural e da própria atividade educativa”, relacionado às condições em que se dava, então, o aumento da rede escolar secundária.

Pensar a escola como objeto de estudo desde uma perspectiva sociológica, analisar os processos de formação e socialização de sujeitos para o mundo em que vivemos exige que um exercício permanente de superação de uma tendência – assinalada por Elias e Scotson no capítulo “Considerações sobre o Método” – de se perceber “as estruturas como ‘planos fixos’, como ‘estruturas situacionais permanentes’” e de se tratar os “movimentos das es-

truturas no tempo (...) como ‘históricos’, (...) algo separado da estrutura e não uma propriedade indelével das próprias estruturas sociais” (ELIAS e SCOTSON 2000 : 59). Essa tendência, ao menos como prática discursiva no pensamento social, ainda se faz presente, se considerarmos, historicamente, a objetivação de segmentos sociais como “os pobres”, “os marginalizados” e, mais recentemente, “os excluídos”. Desconstruir esse tipo de prática discursiva talvez nos leve a deixar de lado essas objetivações e a dissecar o *carisma* de estar “incluído” em um mundo competitivo, em que não há lugar para todos, e também o *estigma* que é nem sequer conseguir um lugar no jogo.

Se quisermos superar, no plano estrutural e no sentido histórico, as condições que configuram, sob diversas formas, o lugar de si e o não-lugar do outro, devemos estar atentos não apenas às implicações das relações de poder em um sentido amplo, que mantêm essas condições, mas também aos microprocessos pelos quais essas condições se reproduzem nas formas de produção da subjetividade e da socialização. Fazê-lo, figurativamente, significa ir além da constatação de que, no brinquedo infantil dos *quatro cantos*, há quatro lugares para cinco jogadores. Significa buscar, nesse jogo, o intervalo em que, no cruzamento entre o desenho da estrutura e o deslocamento da história, as configurações de *carisma* e *estigma*, inclusão e exclusão, estudantes e “baianos”, estabelecidos e outsiders, encontram seu lugar.

## Referências Bibliográficas

ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução: Vera Ribeiro. Tradução do posfácio à edição alemã: Pedro Sússekind. Apresentação e revisão técnica: Federico Neiburg. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

PEREIRA, João Baptista Borges. A escola secundária numa sociedade em mudança (interpretação socioantropológica de uma experiência administrativa). São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1969.

<sup>5</sup>“(…) fenômenos que acompanham o processo de integração de uma instituição prévia e rigidamente delineada no tocante à sua estrutura, seu conteúdo programático e a seus objetivos, em comunidade portadora de traços socioeconômicos e socioculturais em muitos pontos diferentes daqueles que caracterizam os estratos populacionais historicamente beneficiados pelo ensino ginasial” (PEREIRA 1969 : 18)